

# PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

## Visão do Bird

• O Banco Mundial acha que há no Brasil, neste momento, uma extraordinária concordância entre os candidatos à Presidência da República sobre alguns pontos básicos da política macroeconômica. Segundo o diretor para o Brasil do Banco Mundial, Vinod Thomas, isso dá uma grande chance de um acordo de transição com o FMI. "Seria bom para todos e daria mais segurança aos investidores."

Vinod Thomas mudou-se para o Brasil este ano quando assumiu o posto e, por isso, ele tem um olhar externo, mas bem informado sobre o que está se passando aqui. Numa entrevista ontem, na Globonews, ele me disse que, para quem analisa o processo eleitoral brasileiro de fora, o que mais chama a atenção é a concordância sobre os pontos mais importantes como responsabilidade fiscal, metas de inflação, aumento de exportações.

— Não estou dizendo que não há diferenças entre os candidatos. Há, mas elas são mais sobre como atingir os objetivos. É como uma pessoa de 100 quilos que decide reduzir o peso. A dúvida é apenas sobre qual é a melhor dieta para emagrecer — afirmar.

Diante disso, ele acha que o melhor caminho seria um acordo de transição com o FMI — como o feito com a Coreia e com o México — que desse segurança aos investidores e diminuísse a incerteza e a volatilidade do mercado financeiro, as quais prejudicam tanto a economia.

Vinod Thomas diz que é fácil prever o futuro do Brasil a médio e a longo prazos, mas não se arrisca a dizer o que vai acontecer nos próximos três ou seis meses:

— Normalmente é mais fácil fazer previsões de curto prazo. No Brasil, agora é o oposto. Não tenho dúvidas de que o país vai estar numa boa situação daqui a três anos ou trinta anos, mas não sei o que acontecerá este ano.

Ele se disse impressionado com o avanço brasileiro na última década na área de saúde e educação. Particu-

larmente, ficou impressionado com a queda de vinte pontos na mortalidade infantil na última década. Segundo ele, uma queda tão forte, em tão pouco tempo, não tem paralelo no mundo. Acha que é resultado do fato de que o Brasil passou a gastar melhor na área social porque descentralizou mais os investimentos. Segundo o economista, que é formado pela Universidade de Chicago, o Brasil tem três desafios pela frente: melhorar a distribuição de renda, combater a pobreza e voltar a crescer. E, para todos esses, o caminho é investir mais em educação.

Vinod Thomas tem um número diferente para o total de brasileiros abaixo da linha da pobreza.

— Tudo depende da medida, mas, para nós, vivendo com menos de um dólar/dia (linha da pobreza para o Banco Mundial) estão 10% a 15% da população brasileira.

Ou seja, isso é de 17 milhões a 25 milhões; bem abaixo dos 50 milhões que todos repetem que é o número de brasileiros abaixo da linha da pobreza.

Mas Vinod Thomas lembra que o Brasil perde nas comparações internacionais:

— A China tem 17%, mas a Coreia e a Tailândia têm apenas 2% nesta faixa.

O economista anda com uma página plastificada com uma coleção de gráficos e indicadores do Brasil comparado a outros países e, também, indicadores da evolução da conjuntura econômica do Brasil nos últimos anos. Ganhei de presente a página junto com um último número do livro "World Development Indicator". Da página, tirei as tabelas abaixo.

## Indicadores sociais

### STATUS SOCIAL

Em 2000	BRASIL	México	China	Índia
População (milhões)	170	98	1.126	1.016
População urbana (%)	81	74	32	28
Índice de Desenvolvimento Humano (1999)	0.75	0.79	0.72	0.57
PIB per capita, PPP (%) 1999	7.037	8.297	3.617	2.248
Mortalidade infantil (a cada 1.000 nascidos)	29	29	30	71
Escolarização (%)	97	100	100	77

### PROGRESSO SOCIAL NO BRASIL

	1990	1994	1999	2000
Pobreza (%)	41	44	34	32
Pobreza extrema (%)	19	21	14	13
Mortalidade infantil (a cada 1.000 nascidos)	48	40	35	29
Expectativa de vida (anos)	66	66	68	69
Escolarização (%)	81	88	96	97

FONTES: Banco Mundial e Ipea/IBGE